

B-633
B. N. L.
21 ABR 1978
DEP. LEG.

O CARNAVAL DE LOULÉ
É UM FESTIVAL
E UM HINO À ALEGRIA!

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXVI

2-2-1978

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 660

Composição e Impressão
«GRÁFICA FDI URA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barras

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
LOULÉ
Telef. 62536



Pouco falta para o Carnaval, aquele período único, que incita aos folguedos (de irrisão emocional) e procura fazer esquecer as muitas apreensões que atulham o quotidiano, per-

AMENDOEIRAS EM FLOR POSTAL MÍTICO ALGARVIO

Quando menino, não sei se ouvira ou se lera algures (?) a lenda das amendoeiras. Retenho ainda ao certo, na lembrança os seus rudimentos, que de modo um tanto lírico e mítico, (continua na pág. 8)

GOVERNO CIVIL DE FARO CONTESTA AFIRMAÇÕES PRESTADAS PELO PRESIDENTE DA CÂMARA DE MONCHIQUE

Na edição deste jornal de 19 passado, e a pedido da Câmara de Monchique, grafámos parte da acta respeitante a uma proposta aprovada pela Assembleia Municipal daquela localidade e que, naturalmente, considerámos de boa fé.

Posteriormente, para melhor esclarecimento do assunto e desmentido das afirmações expendidas, recebemos para publicação uma nota

sonificando a máscara do picaresco e da euforia.

O Carnaval manda, esporadicamente às urtigas as ralasões e dá rédea larga à alegria, de quem, durante um ano inteirinho, manteve o rosto fechado e avesso às excentricidades e aos epigramas.

O povo adoptou-o e procura nele um episódio relaxe, desanuviador das tensões suportadas na decorrência infinável dos dias.

Nele vê, portanto, uma flagrante oportunidade para se divertir e até aterroar.

Em Loulé, o Carnaval, toma foros de tradição, e na verdade todas as suas edições, que são memoráveis e formam um longo historial, propõem-nos, numa emulação, carregada de optimismo, a ultrapassarem-se mutuamente.

O Carnaval de Loulé, é uma festa! Daí o ter-se transformado num cartaz algarvio de maior ressonância!

O Carnaval de Loulé, é com efeito o Carnaval do Algarve! Entretanto,

internacional, enquadrando-se perfeitamente à vocação turística da sua região.

A aproximação do Carnaval cria, portanto, um clima de expectativa e

presas e novidades apresentará? Será melhor que o anterior?

Estas dúvidas são, na generalidade, seladas com uma exclamação votiva: — Oxalá o tempo ajude!

PROGRAMA DO CARNAVAL DE LOULÉ

O programa preparado para o Carnaval de Loulé, que transcorre nos próximos dias 5, 6 e 7, conta com as seguintes atracções:

CORSO

- Desfile de 23 carros alegóricos
- Bandas de Música
- Cabeçudos e gigantones
- Samba do Brasil — Mister Gasolina e as Mulatas do Rio

BAILES

Palácio do Trigo

Preços:

Entrada no recinto de festa — 20\$00
Entrada nos bailes — 250\$00
Marcação de mesa — 100\$00

Reservas e informações: no Posto de Turismo de Loulé, telef. 62538

PRESENÇA DO DESPORTO NO CARNAVAL DO ALGARVE

(LER PÁGINA 5)

fazendo gala e justo dinamismo com que emoldura este autêntico festival, Loulé aspira a transformar o aliciante cartaz, numa legenda de atração

ACTO DE POSSE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE LOULÉ

alvoroco que se prende com a sua iminente «encenação».

Por isso, é natural, é compreensível, que abandonados os assuntos mais candente, como a política, a inflação, a flutuação do escudo e quando se inclua na «ordem do dia», no círculo louletano, o Carnaval em perspectiva.

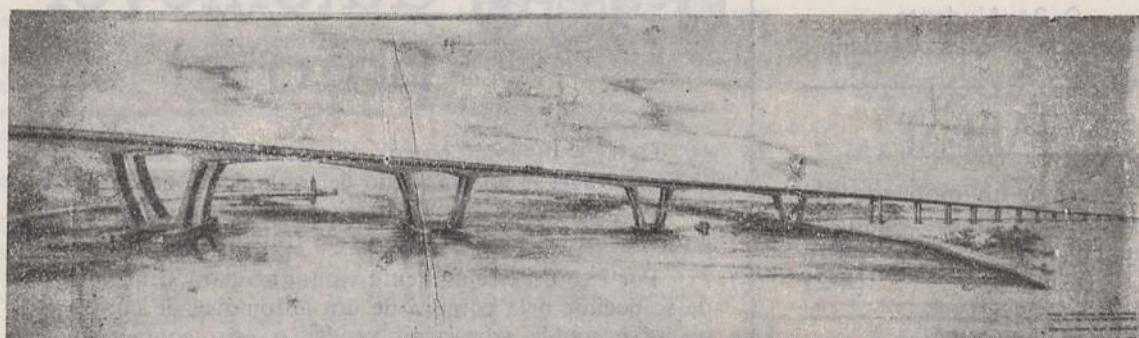
As interrogações sucedem-se: — Como se sairá este Carnaval? Que sur-

Pois, quanto às muitas expectativas formuladas, podemos adiantar alguma coisa e satisfazer em parte (só em parte, porquanto nada há como ver), a curiosidade acumulada.

Além do programa delineado, que noutro lugar deste jornal se exprime de forma muito sintética, ocupamo-nos de forma especial dos carros alegóricos, dos formosos carros ale-

(continua na pág. 3)

Está pronto o projecto da Ponte Guadiana



Foi revelado recentemente pelo ministério das Obras Públicas, que o projecto da ponte internacional sobre o rio Guadiana, que ligará Vila Real de Sto. António a Ayamonte, está concluído.

A aprovação do projecto pelos governos dos dois países, terá lugar, segundo o preceituado no convénio luso-espanhol, depois da análise da comissão técnica constituída, cuja

reunião foi solicitada pela representação portuguesa.

Espera-se que a obra seja iniciada este ano. Se tal se confirmar, a ponte terá a sua conclusão em 1980.

No passado dia 18, pelas 17:30 horas, decorreu nos paços do concelho desta Vila, o acto de posse da Comissão Administrativa da Santa

Casa da Misericórdia de Loulé, presidido pelo Governador Civil do Distrito de Faro, Dr. Almeida Carrapato

(continua na pág. 2)

SAQUINHOS AOS MILHARES NO CARNAVAL DE LOULÉ

A Fábrica Imperial (Cerveja Marina) ofereceu à Comissão do Carnaval milhares de saquinhos para animar a nossa Batalha de Flores.

Parabéns à Marina pela feliz iniciativa.

GOVERNO CIVIL DE FARO contesta afirmações prestadas pelo Presidente da Câmara de Monchique

(continuação da pág. 1)
ção, notícia, local (eu lá o que é...) subordinado ao título «Assembleia Municipal de Monchique repudia gesto oficial considerado anti-democrático».

Como a informação transmitida pela Câmara Municipal de Monchique, ou melhor, pelo seu Presidente, vem rejeitada de mentiras que urge rectificar, e em definitivo, para não prosseguir impunemente uma campanha de envenenamento da opinião pública, repõe-se a verdade, nos termos seguintes:

a) «gesto oficial» — estranha-se a qualificação pois nenhuma oficialidade houve no acto que passa a referir-se.

b) O repúdio d'Assembleia Municipal de Monchique está viciado dum erro inicial: a Assembleia foi dolosamente informada que o Governador Civil teria feito uma visita de trabalho ao concelho de Monchique sem do facto ter dado conhecimento à Câmara Municipal. A Assembleia foi induzida em engano e por isso discutiu num pressuposto falso, comprometendo e prejudicando a seriedade da discussão. Corrigindo esse pressuposto, fica afirmado que o Governador Civil não fez qualquer visita de trabalho ao concelho de Monchique. Fê-la, sim, ao concelho de Aljezur a convite dos órgãos de poder local deste Município.

c) É óbvio que, deslocando-se de automóvel, para chegar a Aljezur teve que atravessar 7 concelhos: Loulé, Albufeira, Silves, Lagos, Portimão, Lagos e Vila do Bispo. Não houve necessidade de dar conhecimento prévio e muito menos pedir autorização, às câmaras respectivas. Por mais descentralizada que seja a administração deste País, não se regressará aos medievais direitos de portagem e de atravessadouro...

d) Em Aljezur, sim, houve uma sessão de trabalho na Câmara, com a presença do Governador, Presidente do Município, Vereação, Assembleia Municipal e Juntas de Freguesias. Sessão frutuosa que se prolongou por cerca de 2 horas, seguida de visitas no concelho de Aljezur, segundo itinerário traçado pelos órgãos locais de administração.

e) No regresso foi sugerido que fosse proporcionado ao Governador observar a panorâmica paisagística dum local por onde o Estado projecta abrir uma estrada nacional, com a extensão de cerca de 15 km que ligaria território dos 2 concelhos confinantes, Aljezur e Monchique. Como o trânsito por esse local se tornaria extremamente difícil para um auto-ligeiro do tipo do Governo Civil, foi convidado o Governador a fazer o trajecto num «jeep» da Câmara Municipal de Aljezur, na companhia do seu Presidente e alguns vereadores.

O convite foi naturalmente aceite e a viagem de regresso a Faro iniciou-se por este processo, indo o automóvel do Governador esperá-lo, no sítio dos Casais, no ponto de afluência do caminho por onde assentará a estrada nacional já projectada pelos Serviços do Estado na estrada nacional que liga Monchique a Portimão.

f) No trajecto percorrido no «jeep», quer enquanto se atravessava território de Aljezur, quer nos escassos quilómetros de território do con-

celho de Monchique, nunca o veículo parou, muito menos estacionou, nem qualquer dos seus ocupantes desceu. Apenas a todos foi dado admirar a verdejante paisagem. Chegado o «jeep» ao sítio de Casais, onde já o aguardava o automóvel do Governo Civil, o Governador fez, sem demora, o transbordo, depois de se despedir amigavelmente de todos os acompanhantes. Terão também estes violado o território duma «Pátria» vizinha?

g) De censurar dois presidentes: o da Câmara e o da Assembleia Municipal. O primeiro, porque levou ao conhecimento da Assembleia um facto errado, provocando uma discussão viciada; e porque, não sendo membro da Assembleia Municipal, não tinha legitimidade, nem competência para formular uma proposta que apresentou à mesma Assembleia. O segundo, porque deu uma triste nota de falta de autoridade e de competência, consentindo que um elemento estranho «anarquizasse» a Assembleia a que presidia, e parece que mal nesse momento, isto é, permitindo que um elemento estranho à sua Assembleia nela apresentasse uma proposta... o que torna o acto posterior irritante e nulo.

Enfim, talvez cortesia de compades...

i) Portanto, «gesto oficial» foi praticado sim, mas exclusivamente no concelho de Aljezur, de quem o Governador recebeu convite e agracimento; nunca no concelho de Monchique. Fica assim rectificada a notícia para que não encontrem eco os ditirampos de certos corifeus, nem a história de centuriões...

Solicitando a publicação deste esclarecimento no próximo número de «A Voz de Loulé» no mesmo local e com o mesmo título da notícia editada, subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

O Governador Civil,
Júlio Filipe de Almeida Carrapato»

Acto de posse da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Loulé

(continuação da pág. 1)
to, por delegação do Secretário de Estado da Assistência Social.

Estiveram presentes à efeméride além dos componentes da referida Comissão Administrativa, constituída pela sr.ª D. Catarina do Carmo Pinto Farrajota, e srs. Aníbal Marum Pereira e João Maria Martins da Silva, sr. Andrade de Sousa e vereadores Líbano Palma, José Pires, Oliveira Carrapa e João Simões, e chefe da secretaria do Município, sr. Rui Centeno.

Depois de lida a acta do empossamento e prestados os juramentos legais, o Governador do Distrito de Faro, dr. Almeida Carrapato dirigiu aos circunstantes as seguintes palavras:

«Cabe-me a oportunidade de me dirigir a V. Ex.ª, que acabais de ser empossados, as minhas saudações e os meus cumprimentos.

Fiel ao princípio que a mim mesmo impuz de me deslocar ao local de trabalho, quando se trata de empossar ou de instalar uma instituição, eu desloquei-me uma vez mais a Loulé, para conferir a posse a V. Ex.ª, desta Comissão Administrativa da Misericórdia de Loulé. Conferi esta posse por delegação do sr. Secretário de Estado da Segurança Social. Devo dizer que me desloco sempre com o maior entusiasmo a esta Vila, onde vivo tantos dias e tantas jornadas de trabalho profissional e não só. É portanto, sempre com o maior gosto, com o maior encanto — direi mesmo — que me desloco sempre a esta segunda minha terra do Algarve. Aliás, as minhas segundas terras do Algarve, são todas as cidades e todas as vilas, todas as aldeias desta Província. O Algarve é pequeno de mais para nos dividir e nós devemos estar congraçados sempre e unidos para a realização de fins comuns.

O fim das Misericórdias, como associações humanitárias, são bem conhecidos. V. Ex.ª conhecem bem a função que têm pela frente e a mim

resta-me desejar o maior êxito no desempenho da vossa missão. Esta missão será altamente relevante, socialmente apreciável, porque tendes à vossa frente um papel do maior destaque, no campo da segurança social, por exemplo, na proteção à infância, na primeira e segunda infância, na proteção à velhice, à terceira idade.

É um manancial de realizações que se vos oferece e estou absolutamente convencido que vós ireis empenhar-vos com toda a galhardia e com toda a elevação da missão que vos é cometida.

A todos os meus cumprimentos. Uma vez mais, a todos a minha saudação e para todos vão os meus votos de bom êxito na execução da vossa missão.

Por sua vez, em nome da Comissão Administrativa, usou da palavra, a sr.ª D. Catarina Farrajota, que agradeceu a confiança depositada nos membros da Comissão Administrativa, e teceu alguns considerandos sobre as dificuldades a vencer.

Mais adiante acrescentou:
«Era uma pena deixar cair as Misericórdias. Realmente elas, há séculos que cumprem um trabalho e preenchem uma lacuna, que havia realmente nas relações sociais, no auxílio, na previdência e assistência. Os tempos mudam, as coisas têm mesmo que se adaptarem às circunstâncias e à evolução de tudo que é vivo. E assim também, as Misericórdias.

Realmente a mim fazia-me pena ver que a Misericórdia fosse só um hospital, porque realmente, uma Misericórdia é mais do que isso. Já não era o pouco que fosse, só o hospital, mas, efectivamente ela tem mais funções a cumprir do que só o hospital. Pois, há muito a fazer, como o sr. governador disse, penso que hoje há mais a fazer, ou pelo menos os nossos olhos abriram-se noutras perspectivas.

Assim eu fiquei contente, quando vi este movimento de renascimento das Misericórdias, chamemos-lhe assim. Não sei se estou a falar bem, mas pelo menos foi assim que eu entendi. Por isso, sei que vai dar trabalho, não sei entretanto se estarei à altura. Mas, não me acanho de dizer se não estiver à altura poi eu renuncio. Outra pessoa virá com mais capacidade. Não faltam aí. E, enfim veremos o que seremos capazes de fazer. Eu sozinha não seria, mas acompanhada suponho que seremos capazes de fazer qualquer coisa. Peço desde já a ajuda de todos porque precisamos de todas as ajudas. Não digo que a nossa acção seja espionosa, mas terá obstáculos, terá dificuldades. Se nos dermos as mãos seremos capazes de fazer qualquer coisa de válido e é isso que eu espero fazer. No dia em que eu vir que eu não sou capaz de fazer qualquer coisa de válido, pois eu direi e como eu já manifestei ao sr. presidente da Câmara, eu pedirei a minha demissão, visto que a meu ver, não há nenhuma razão para se ocuparem lugares só para estar lá. Portanto, muito obrigado. Os meus colegas, chamemos-lhe assim, farão o favor de me ajudar muito, porque

eles estão mais familiarizados em função dos seus conhecimentos e experiência. Assim, os três, seremos capazes de fazer qualquer coisa. Estou certo».

Depois, a culminar o acto, o presidente da Câmara de Loulé, sr. Andrade de Sousa, frisou o seguinte:

«Eu estou certo que tanto a sr.ª D. Catarina, que tem toda uma vida ligada a todos estes problemas assistenciais, a todos estes problemas humanos (há uma experiência longa), como o meu particular amigo, Aníbal Marum, que tem uma longa experiência também dentro da Santa Casa da Misericórdia, no antigo, onde teve a oportunidade de demonstrar a sua capacidade, que foi o agrado de todos os louletanos; o meu particular amigo João Maria, que sabendo que não tinha tido com o meu conhecimento pessoal qualquer actuação dentro deste sector, mas diuído que eu conheço dele fico com a certeza que este trio, sr. Governador, será capaz de elevar a Casa da Misericórdia de Loulé aquele ponto que todos nós louletanos aspiramos e que a região e o nosso país bastante necessita.

Evidentemente para que esta equipa possa ter aquela actuação que todos desejamos, será necessário, por parte dos órgãos centrais, órgãos esses que em certa medida estão associados e sentem a indiscutível presença e apoio do sr. Governador Civil, para que esta obra possa ser frutuosa nos campos em que nos propomos. Não é, como o sr. Governador sabe, pois tem tido imensas dificuldades para a solução dos problemas da infância e neste momento, porque é um problema regional e graças ao apoio que o sr. governador tem prestado, que é do meu conhecimento pessoal, à terceira idade.

Nós estamos empenhados em colaborar, nós neste caso refiro-me à Câmara, empenhados em colaborar com esta Comissão no sentido de resolvemos esses problemas. Mas, se me permite, eu faço daqui um apelo para que o sr. Governador seja intérprete, junto do órgão competente, para que nos ajude. Porque sem uma colaboração física e financeira, por muitas boas vontades, elas terão de ficar pelo caminho. Se não tivermos aquele apoio financeiro e físico, é inteiramente por muito boa vontade, impossível resolver estes problemas.

Como o sr. Governador acabou de ouvir a sr.ª D. Catarina teve a oportunidade de explicar, pois estão todos imbuídos das melhores e boas vontades. E o meu ponto final é contar com a colaboração de V. Ex.ª e que seja intérprete junto dos poderes centrais para que nos ajudem a resolver estes problemas que são gravíssimos na nossa terra».

HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º Cartório

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifcio, nos termos do artigo 97.º do Código do Notariado, que por escritura de 23 do mês corrente, lavrada de fls. 70, v.º a 72, do livro n.º A-98, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Leonildo da Conceição, ocorrido no dia 3 de Maio do ano findo, na freguesia da Sé, da cidadade de Faro, solteiro, maior, natural da freguesia e concelho de Albufeira, habitualmente residente na Rua Poeta Aleixo, n.º

30, 2.º, desta vila e freguesia de S. Clemente, que não de xou testamento, descendentes ou ascendentes, foram habilitados como seus únicos herdeiros, seus irmãos germanos:

a) João Gonçalves da Conceição, casado com Maria Celeste Gonçalves da Conceição, natural da freguesia de Almansil, concelho de Loulé;

b) Mário da Conceição, casado com Maria Celeste Madera da Costa Conceição, natural da freguesia de Senta Maria, concelho de Estremoz; — ambos residentes nesta vila e casados segundo o regime da comunhão geral de bens.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 25 de Janeiro de 1978.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

VENDE-SE

Apartamento mobilado em Olhão. 650 contos. Informa telef. 65457 — QUARTEIRA.

(4-2)

COMPRA-SE

Terreno próximo de Quarreira. Informa telef. 65457 — QUARTEIRA.

(4-2)



Um
automóvel
para si

Os elevadíssimos preços dos automóveis novos aconselham a pensar na aquisição de um veículo em 2.º mão.

Nós podemos servi-lo bem em preços, em qualidade e em honestidade de processos de trabalho.

Por isso é extremamente vantajoso para si que, antes de se decidir pela compra de um automóvel de confiança ou se pretende trocar ou vender o seu, contacte com

STAND MEALHA

Rua Serpa Pinto, 20 ★ Telef. 62166 ★ LOULÉ



Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da Guerra, n.º 14-1.º-Esq.
Telef. 62919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ

CARNAVAL EM LOULÉ

(continuação da pág. 1) gônicos de Loulé, já que eles assumem um papel predominantemente na «batalha de flores» atraindo sobre si, sempre, as atenções gerais.

Para saber de fonte limpa como é que esses caprichosos carros e apresentam, dirigimo-nos ao armazém, onde a comissão organizadora trabalha e orienta a sua confecção.

CONVERSA COM ILÍDIO FLORO

Deparamos com o sr. Ilídio Floro e de pronto desfechamos a pergunta acerca das previsões para o Carnaval de 78.

Ilídio Floro retrucou.

— De princípio penso que seja um Carnaval melhor que nos anos anteriores. Qualquer das partes, tanto da Câmara, como da Comissão Regional de Turismo, procuram valorizar o Carnaval deste ano o melhor possível. Na minha opinião acho que deve ser um dos carnavales superiores a qualquer outro, até mesmo ao do ano passado.

— E quanto aos carros?

— Na parte dos carros tem-se procurado fazer o melhor possível. Este ano esperamos que sejam um bocadinho superiores, com efeito.

Contudo, há uma coisa que é fundamental e que nos vai limitar um pouco o brilho dos carros, é a falta de matérias primas. Estamos a lutar com uma falta afeita de papeis de cores. Não há papel de espécie nenhuma daquele que costumamos trabalhar. Temos de fazer alterações com outro material que não é da nossa vontade. Ligado a isso, o pessoal de colaboração, cada vez é menos. Vai baixando o nível do peso. Estamos reduzidos a três ou quatro pessoas, que se esforçam pelo andamento disto.

— De momento, quais são as pessoas que estão ligadas à Comissão?

— Eu, prof. Duarte, o sr. José Batista e o sr. Manuel Correia, um grande elemento, também. De resto, a Câmara tem-nos facilitado, e concedeu-nos luz verde para tudo o que seja possível.

— Sobre os carros, que lhe ocorre dizer?

— Temos alguns carros cujas tripulações serão formadas por casais. Temos estado a enviar esforços para que os ditos carros saiam de forma mais atraente possível. Nos anos anteriores tinhemos dificuldade em contar com tripulações. Não sucede isso este ano, felizmente, pois apareceram pessoas com vontade em nos ajudarem. Essa colaboração, que nos interessa muito, infunde-nos um bom incentivo.

CONVERSA COM O PROF. DUARTE

Dentro do mesmo recinto, de dimensões bem vastas, mas recheado de carros em construção, abordamos o prof. Duarte, um outro precioso elemento da comissão e que desde há muito faz dela parte integrante. Pessoa de poucas palavras mas de ação permanente, tentou esquivar-se de princípio, entretanto, vencida a hesitação inicial, pois palavra puxa palavra (como as cerejas), transmitiu-nos alguns esclarecimentos bem elucidativos sobre os carros em laboriosa preparação.

Começámos, para abrir a conversa, com uma interrogação sobre o próximo Carnaval de Loulé.

— Espero que seja um êxito — foi a resposta.

Ante a nossa insistência, acrescentou: — Mercê do trabalho de uns tantos. Poucos, diga-se de passagem, não obstante o recinto estar aberto a todas as colaborações.

— Qual a sua opinião sobre os carros?

— A coisa está à vista, é um trabalho bastante meritório, pois envolve temas muito interessantes os quais indicam que a imaginação foi fértil e bem aproveitada.

Na minha maneira de ver os carros devem ser, tanto quanto possível alegres e se viável, alegóricos. Mas é muito difícil. É muito difícil porque os carros não se fazem de um dia para o outro, demoram a conceber, e quando a piada sai, já está ultrapassada. Então deixa de ter mesmo piada. Por isso nós fugimos um bocadinho a isso.

Nós tínhamos umas ideias sobre

crítica, milhetas coisas podíamos criticar, contudo algumas desactualizaram-se de tal maneira que já perdiam a oportunidade.

— Podia descrever quais são os temas tratados nestes carros alegóricos?

— Os carros são 23. Pelo menos há uma larga meia dúzia, sete ou oito, que são carros realmente originais. Muitos há, feitos este ano, cujas ideias não são originais. Mas há carros originais de facto e eu julgo que vão agradar.

— Há algumas surpresas engatilhadas para este ano?

— Há. Vamos ter... mas não se podem divulgar, pois deixariam de ser. Além de todas as dificuldades que houve, a maior é a dos materiais. E não sei como as futuras equipas do carnaval, que farão o carnaval, irão ornamentar os carros.

Têm de mudar de sistema de cobrir os carros, que é realmente apanágio do nosso Carnaval, o florir os carros a papel de seda. Isso de futuro terá de ser alterado devido à escassez do material.

Este ano, houve um cuidado especial com as roupas, com os trajes das tripulações de alguns carros a condizer com os motivos dos mesmos. Vamos lá a ver como saem.

— Há aqui à ilharga, um carro com todo o aspecto epigramático: na mão direita do boneco representado, tem um mealheiro, na mão esquerda um martelo e o seu rosto exibe um ar indeciso, como quem hesita em vestir...

— Eu estou a ouvir. Eu estou calado...

Os carros são 23. Há uma fantasia chinesa, digamos assim, constituída por dois pavilhões chineses ligados por uma ponte que levantarão duas raparigas vestidas com quimonos.

Há um outro carro, que é um convite ao «bom sono». Um livro, uma caixa de fósforos, uma vela apagada... pensávamos ainda...

— Não diga que é uma piada à electricidade que tem andado tão esquiva...

— Há um outro carro, que é dedicado à criança. Chama-se «A Feira», tem um carroce e um pequeno carro ambulatório para distribuição de sorvetes, mas parece que toda a gente está a inclinar-se para o carro das castanhas. Há mais um outro carro, o «Carro da Vila», de senhor de José Batista.

É constituído por um trono onde irá uma rapariga envergando uma fantasia, a representar a Vila de Loulé. Leva os seus pagens e as suas damas de honra. Por detrás, o braço da Vila.

Há um carro aqui com três flores, ou mais, leva três raparigas dentro destas flores.

Esperamos que este carro resulte. Acho que é um carro rico. Já saiu em várias versões. Esta será, julgo, a versão mais feliz.

Além há um carro, um moinho regional, pois é um carro que nós esperamos vá agradar. Nele vão uns miúdos do nosso Rancho Infantil e moleiros, com indumentária típica da região.

Há aqui também, uma fantasia oriental. Tema das «Mil-e-uma-noites», com lâmpadas de Aladino, mirmeces, um tapete voador. Leva umas raparigas vestidas de odalisques, ou de «Odalascas»...

Há o carro do «Acordeon», que no entanto não é só. É tripulado também pelos miúdos do nosso Rancho. Leva também uma chamimé, uma amendoineira, flores de amendoineira e um tablado onde os miúdos irão bailar.

— É atirado para o folclore...

— A «Casa algarvia», é um carro que é sempre requisitado por um grupo de amigos, que vão comendo e bebendo e vão até distribuindo a sua alegria e a comida...

A Marina, também tem o seu carro, que é publicitário. Está também em preparação um carro «guerreiro» embora propriamente o não seja. Pensamos, este ano fazer uma permuta de atracções entre Ayamonte e Loulé. Eles mandam cá uns grupos durante os dias de Carnaval, que esperamos sejam êxito. Vão animar o «corso». Uma espécie de «charolas» ou «cegadas», que captam e dançam. Nós, em compensação vamos mandar um carro alegórico que representará o Carnaval de Loulé. Le-

vará a data em que se fez a primeira «batalha de flores», 1906 e a de 1978. Esse carro, aqui em Loulé será tripulado por uma equipa espanhola. Por seu turno, irá a Espanha assim como o nosso Rancho Infantil.

Outro carro, o «Speedy Gonzalez», representa uma fantasia mexicana, que todos os miúdos conhecem dos bonecos animados da televisão. Speedy Gonzalez, é um representante da paz, embora ele tenha ali as pistolas. Aquilo é uma fantasia.

Há um outro carro aqui que vai resultar, um carro muito bonito, um «Entenário». O desenho é de José Batista. São três fontes, só não deixam água, mas a ilusão está conseguida.

Há o «jardim», um outro carro que não está aqui neste armazém. É constituído por um banco de jardim, e já que não seja um banco de coreto, é uma pérgola e tem dois pavões, um cíne e um lago.

Há um outro carro, que é uma cabeça. Julgo que este carro também vai ser um êxito, dada a sua originalidade. O carro tem uma cabeça com 4,5 metros por 4 metros de alto. É uma cabeça de palhaço. A tripulação vai a dois níveis, a nível da boca, nos olhos e no chapéu que ele tem lá em cima.

Há o «Caracol», um outro carro, que é a adaptação de um outro. Leva flores. Nos olhos dessas flores raparigas e o caracol e também uma borboleta.

Há o «Palhaço», o tal palhaço de que falámos e que se presta a várias leituras, pois cada um lerá como entender.

Há os «Gansos», um carro transformado. Este ano leva mais umas flores e umas raparigas.

Há um carro que passou por várias tentativas de satírica política e que entretanto, porque perderam a oportunidade, nós, tivemos de adaptar. É um penico muito grande que vai ser puxado por uns cavalos.

Nós tentámos que fossem lazaretos, mas no fim saíram mesmo corceis imponentes. O penico leva dentro pacotes. Pensamos pôr lá o 4º pacote, embora o 3º não tenha saído, e ainda o 8º. Tenho a impressão que os pacotes agora não devem ter fum, dentro dos próximos anos. Pensamos pôr lá outras coisas: uma garrafa de azeite e o tal bacalhau.

Para completar o ramalhete, há o carro da «Bataclã», pois isto é uma paródia à do folhetim da TV «Gabriela». Estarão lá os seus protagonistas mais conhecidos. Julgo que vai a malta toda.

Também está em preparação o carro dos coroneis, onde aparecem os caras todos, o coronel Amâncio e o compadre Melque.

Como disse antes os carros alegóricos são ao todo 23, e por certo devido às fantasias e às satíricas que representam, por certo não deixarão de causar impacto ao público e obter merecido êxito.

Tudo leva crer, portanto, que se conjugam os melhores préstimos para manter no primeiro plano este grande cartaz do Carnaval de Loulé, e se possível fôr ultrapassar o que de melhor do género se tem feito.

O Carnaval de Loulé, é com efeito o Carnaval do Algarve. Para tanto não lhe faltam méritos, nem aptidões.

J. C. V.

TRESPASSA-SE

M. M. Mercado Baiano, na Rua Vasco da Gama, n.º 45-A, em Quarteira. Informa no local ou pelo telef. 65467.

VENDE-SE

Horta do Ascenção en. Loulé, com 1 hectar e casa de habitação. Informa pelo Telef. 24600 — FARO.

(4-2)

FALECIMENTOS

Faleceu em casa de sua residência em Loulé no passado dia 24 de Janeiro o sr. José Dionísio Marques, que contava 73 anos de idade e deixou viúva a sr. Gestudes Domingos.

O saudoso extinto era pai dos srs. Arlindo António Marques, casado com a sr. D. Aveina Maria Gonçalves, Mavilio António Marques, casado com a sr. Etelvina Maria Costa, Domélio António Marques, casado com a sr. Maria Felismina Correia Rosa e Ilídio António Marques, casado com a sr. D. Olga Maria Santos da Piedade e avô dos srs. Luís Filipe da Piedade Marques, Orlando Fernandes Marques, Arlindo Fernandes Marques, dos meninos António José da Costa Marques, João José Costa Marques, sr. D. Maria de Deus Fernandes Marques, D. Maria José Costa Marques Gonçalves, D. Maria da Encarnação Rosa Marques e da menina Noémia Maria Rosa Marques.

Deixou 3 bisnetos.

Faleceu no Hospital de Loulé no passado dia 19 de Janeiro a sr. D. Lídia Guerreiro de Sousa que contava 64 anos de idade e era natural de Loulé.

A saudosa extinta era mãe da sr. D. Maria de Fátima Pintassilgo Souza, irmã da sr. Fernanda Guerreiro Souza, casada com o sr. Manuel Cortes Lopes e do sr. Fernando Guerreiro Ferreira e era avó das sr. D. Maria Manuela Sousa Brito Soares e D. Maria de Fátima Domingos Silvestre.

Faleceu em Faro, onde há muitas décadas residia, a nossa conterrânea sr. D. Maria da Piedade Nascimento Neto Ferreira, de 91 anos, viúva do sr. Sebastião Ferreira (que desempenhou as funções de Inspector Escolar). A saudosa extinta que era muito estimada pelas suas qualidades e fino trato, era mãe da sr. Dr. D. Nídia Neto Ferreira Neto (delegada do I. F. A. S.) e da sr. D. Nênia Neto Ferreira Nabais (já falecida), sogra do sr. João Ferreira Neto (falecido), que foi vice-presidente da Câmara Municipal de Faro) e avô dos srs. João José da Silva Ferreira Neto (delegado dos T. A. P. no Rio de Janeiro), casado com a sr. D. Maria José Santos Padre Ferreira Neto, da sr. D. Emilia Ferreira Nabais Forcada.

As famílias enlutadas enviamos sentidas condolências.

Posto de Turismo em Loulé

★ INICIATIVA QUE MERCE APLAUSO

Foi recentemente criado em Loulé, funcionando numa dependência dos Paços do Concelho, um posto de turismo, que tem por função conceder apoio aos forasteiros visitantes, que pretendem conhecer as atracções desta terra das amendoeiras.

A iniciativa, face ao significado que encerra, é merecedora de inteira aprovação, posto que, além do mais, vem dar resposta às nossas exigências de uma enorme área concelhia, que embora de predominância serrana, não pode nem deve ficar a leste do incremento turístico.

O posto, como dissemos, está aberto e para que cumpra inteiramente a sua missão, não basta que exista, se bem que essa seja a sua condição primeira.

A dependência, não obstante acharada mas de fácil acesso (situa-se no piso térreo da Câmara Municipal), dispõe de uma funcionária pronta a atender dentro das horas de expediente, mas temos de reconhecer, isso não basta.

Parece, pelo menos a quem desenha Loulé, e que o inclua no itinerário de excursões, que deve ser alertado convenientemente para esse posto informativo, para dele colher os elementos de atração essenciais, a visitar.

A sinalização em questão, que ainda está por fazer, é da extrema importância, pois será através dela que os forasteiros se aperceberão do mencionado posto turístico.

Por outro lado, também, por sua vez, este departamento, para cabal desempenho do papel para que foi criado carece de impressos de propaganda e roteiros locais para distribuição, quando solicitados.

Supomos que já foram accionadas as providências nesse sentido, no entanto, ficamos a aguardar, que no mais curto espaço de tempo, o posto turístico seja dotado de todos os elementos de que carece para funcionar em pleno.

J. C. V.

HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL

DE LOULÉ

1.º Cartório

Notário: Licenciado Nuno António da Rcia Pereira da Silva

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que por escritura de 23 do mês corrente, lavrada de fls. 69, v.º a 70 v.º, do Livro n.º A-98 de notas para escrituras diversas do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Maria Vegas Bonito, ocorrido no dia 30 de Novembro de 1976, no sítio da Goldra, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, onde habitualmente residia, natural da referida freguesia de S. Clemente, no estado de casada em primeiras núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, com Célia Caeano Mendonça, residente no sítio da Goldra de Cima, da freguesia dita de S. Clemente;

b) Vasco Manuel Bonito Viegas, casado segundo o regime da comunhão de adquiridos, com Felisbelo Guerreiro Mariano, residente no sítio da Pena, freguesia de Salir, deste concelho; — ambos naturais da referida freguesia de São Clemente, deste concelho.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 25 de Janeiro de 1978.

O 2.º A

II CROSS INTERNACIONAL DAS AMENDOEIRAS EM FLOR EM VILAMOURA

★ O AMERICANO GREG MEYER FOI A GRANDE REVELAÇÃO

Tal como fora anunculado, decorreu em Vilamoura, a 22 passado, o II Cross Internacional das Amendoeiras em Flor, que reuniu destacadados níveis do atletismo nacional e algumas figuras gradas do atletismo internacional.

O dia apresentava-se ensolarado e excepcionalmente favorável ao desenrolar do certame.

Na prova dos 10 000 metros, séniors, a de maior cartel, que congregava a presença de um elevado número de especialistas, e por isso mesmo desafiava alguns vaticínios, teve um desfecho inesperado. O norte-americano Greg Meyer sagrou-se vencedor, depois de muito antes do termo da prova, ter marcado um ritmo incomparável para os seus mais directos rivais.

A classificação apurada foi a seguinte:

1.º, Greg Meyer (Estados Unidos) 29.44,4; 2.º, Tony Simmons (Inglaterra) 30.02,5; 3.º, Brendan Foster (Inglaterra) 30.11,2; 4.º, FERNANDO MAMEDE (PORTUGAL) 30.16,7; 5.º, ANICETO SIMÕES (PORTUGAL) 30.28,5; 7.º, Peter Weigt (RFA) 30.30,6; 8.º, JOSÉ SENA (PORTUGAL) 30.44,0; 9.º, Francisco Vargas (Espanha) 30.45,8; 10.º, Albercht Moser (Suíça) 30.51,6; 11.º, Núñez (Espanha) 30.52,3; 12.º, CARLOS LOPES (PORTUGAL) 31.00,5; 13.º, António Prieto (Espanha) 31.05,0; 14.º, HELDER DE JESUS (PORTUGAL) 31.09,4; 15.º, G. Bourbans (França) 31.10,6; 18.º, J. H. Wild (Inglaterra); 20.º, Karl Fleschen (RFA) 32.42,7.

Terminaram a prova 62 atletas. Nos 4 000 m. femininos, a atleta do Futebol Clube do Porto, Rosa Mota venceu facilmente a competição.

1977

Para nós que temos dedicado um pouco de atenção aos problemas de Quarteira, é a altura de fazermos uma retrospectiva daquilo que não passaram de palavras escritas. Falamos da luta, dumha edificação digna que dignifica e apoia os que trabalham no mar e terra e que com o seu trabalho, esforço e perseverança contribuem para o equilíbrio desta economia nacional tão débil; muito pouco ou nada se sabe dos intentos das autoridades responsáveis sobre este assunto de vital importância para os pescadores. Falaremos da luta de Quarteira sempre que necessário, invocando números correctos, efectuando as démarches necessárias junto das entidades competentes até que se tome plena consciência da urgência de tal edificação, e do peso que representa para a economia local e regional. Setenta mil contos de vendas durante o ano findo não é nada?

Falamos do bairro clandestino da Quarteira onde as construções não param. Pedimos condições de saneamento e outras a que a sociedade obriga e que se visse ainda nada feito, nem palavras nem actos; como é fácil viver no conforto e esquecer os que o não têm.

Falamos dos esgotos, da luz eléctrica...

Falamos da criança, da escola e da protecção que não têm. Aqui as nossas palavras não caem em cesto roto.

Falamos dos caminhos que não existem cuja construção urgente é de vital importância para o escoamento da produção agrícola e bem estar dos contribuintes. (Verificamos uma valga esperança que existe uma promessa de elaboração de projecto... mas como de promessas está o Inferno cheio... desejamos ardenteamente que se passe às obras).

Tudo o que escrevemos em 1977 deixou campo mais que suficiente à polémica. À polémica construtiva. Escrevemos deixando propostadamente lacunas para que os interessados e visados nos dissessem e dissessem à colectividade de sua justiça. (Por forma aceitamos sempre as opiniões alheias e ficamos muito satisfeitos quando delas conseguimos ti-

rar alguns ensinamentos). Só que por serem problemas demasiado simples e realistas, (todos bem reais e palpáveis) ficaram apenas no papel como grito de alarme e de aviso que uma sociedade é constituída por todos e não apenas por alguns cidadãos.

1978 ainda é uma criança, acompanharemos esta criança com a promessa que nos ocuparemos dos reais problemas de Quarteira e dos seus mais desprotegidos; como até aqui continuaremos a não escrever protegidos na sombra desta ou daquela ideologia, desta ou daquela filosofia utópica. Temos a obrigação de utilizar este meio ao nosso alcance para tentar melhorar o nível social, moral e intelectual dos que nos rodeiam e tudo tentaremos.

Não podemos nesta retrospectiva deixar de agradecer ao sr. Director de «A Voz de Loulé» a simpatia com que sempre nos acolheu e ao mesmo tempo manifestar-lhe o nosso apoio e solidariedade para com a linha que tem imprimido ao nosso jornal, ciente que «A Voz de Loulé» é um jornal de informação regional e que nem por isso deixa de se ocupar dos assuntos de relevância nacional pois chega onde os diários não chegam e ao mesmo tempo é um forte elo de ligação entre os que cá vivem e os que lá fora labutam arduamente e vêm à «A Voz de Loulé» as notícias da sua terra.

Quarteira, 4-1-78.
Manuel Bota Espadinha

VENDE-SE

Motoreta Vespa 125 de carrito modelo A. P. Informa pelos te'efs. 62894-62937 ou no Stand de bicicletas na R. Serpa Pinto ou R. Padre António Vieira, 171 — LOULÉ.

(2-2)

CARNAVAL NO ALGARVE

Cerca de 100 000 «saquinhas» estão sendo confeccionados para utilização durante os três dias do «Carnaval do Algarve» e que constituirão «munições de boa disposição e alegria» no consagrado «Carnaval de Loulé». Assim os muitos milhares de folgazões que ocorrerão nos dias 5, 6 e 7 de Fevereiro à ampla Avenida José da Costa Mehalha, em Loulé terão à sua disposição amplo «material» para as grandes batalhas da boa disposição e da alegria.

Ratos de automóveis

A Polícia Judiciária deteve uma quadrilha que fazia tráfico ilícito de viaturas, cujos elementos identificadores eram previamente víciados.

CARNAVAL À PORTA

APELO AO COMÉRCIO DE LOULÉ

Para emoldurar condignamente o aliciante Carnaval de Loulé, agradece-se ao comércio local que capriche em ornamentar, alusivamente à quadra, as suas montras.

É a tradição e o prestígio da nossa terra que exige a colaboração de todos.

RESPONDA-ME SR. MINISTRO CARDIA:

O ANO PROPEDÉUTICO

NÃO SERÁ UMA TENTATIVA FRUSTRADA?

(continuação da pág. 1) apresentam soluções concretas que resolvam este impasse, pois os interesses partidários sobrepõem-se aos interesses nacionais. Eu, que sou aluno do ano propedéutico ainda não sei até ao momento quais as finalidades de tal ano, nem sequer estou informado quando são as provas escritas. Quanto à bibliografia que utilizo é muito escassa, pois para além de não dispor de dinheiro para comprar todos os livros necessários, a biblioteca mais próxima fica a 25 km da minha casa. Não tenho luz, porque a Junta de Freguesia de Bóliqueime e a Câmara de Loulé têm adiado a resolução desse grave problema que atinge uma população considerável. Disponho de uma televisão, bateria para assistir às aulas. Infelizmente alguns não têm esse privilégio. Que ano propedéutico? Que ensino? Sabemos, meus amigos, para onde nos querem levar. Não ignoramos que antigamente estava mal, mas que agora está pior. O socialismo do dr. Soares não nos pode conduzir a lado nenhum porque ele não existe. Ou se é capitalista ou se é socialista. Ou se é marxista ou se não é marxista. Creer ser tudo ao mesmo tempo não pode ser, porque ou assentamos num sistema de investimento privado, de liberdade, em que cada um se desenvolve consonante a sua capacidade e inteligência ou montamos uma máquina estatal repressiva, condicionando ainda mais o espírito criador do ser humano. Não há meios termos possíveis em sociedades que, como a nossa, possuem um índice elevado de analfabetismo, que estão inseridos numa europa capitalista e que pretendem estar bem com Deus e com o diabo. Podia dizer-vos muito mais, mas acho que já chega para perceberem que o Ensino neste País caminha para o colapso final e que os socialistas não são capazes de nos salvar. Eu também não continuo, porque até me arrepió de falar nisto.

Sr. Ministro responda-me: tenho direito de saber onde errei? Obrigado.

Luis Pereira

A CONSTRUIR NO CENTRO DE LOULÉ



Vendem-se apartamentos

T-O

João Caetano

ERA UMA VEZ...

Era uma vez um cordeiro manso e dócil, que cresceu, e já carneiro, o pastor pôs à frente do rebanho. O carneiro seguia o pastor para onde quer que este ia, e as ovelhas seguiam fielmente o carneiro.

Mas, um dia, o rebanho das ovelhas foi pastar junto de um rebanho de cabras. E o carneiro gostou de ver como os chibos saltavam e encabritavam nos valados e penedos e como lutavam atirando com fúria chifres contra chifres. Começou a imitá-los. As ovelhas desassossegaram-se com esta nova vida do carneiro. O próprio pastor, de quando em quando, sentia a dureza do chapéu do animal. Mas todos achavam graça àquele carneiro «evoluído», sem complexos (ou antes com o complexo de querer fugir ao seu natural). Eram sinais dos tempos.

Um dia, os lobos começaram a roncar o rebanho. Os cães tentavam tê-los à raias. Mas o nosso carneiro achava que eram cuidados excessivos e que, assim como tinha aprendido com os chibos as delícias dum novo modo de vida, também poderia aprender algo de novo com os que lhe pretendiam estender a mão. Ia abrindo os olhos, ia começando a filosofar e descobriria que a vida das ovelhas não encerrava todo o bem, que nada há inteiramente mau e que os cuidados dos cães e do pastor eram velharias ultrapassadas, eram ópio para o trazerem acorrentado, «alienado», segundo a linguagem dos lobos. E procurava encontrar-se com eles.

Por sua vez, os lobos, a quem a experiência tinha ensinado ser a astúcia mais eficaz do que as atitudes agressivas, vinham até junto das redes do apisco e, mansamente, conviviam à convivência:

— Nós já não somos como os lobos de outrora, já não comemos carneiros ao almoço...

E o carneiro tentou uma sorte. Foi uma experiência magnífica. Os lobos foram delicados. Quantas coisas lhe ensinaram que ele até então desconhecia:

A experiência repetiu-se e sempre novas descobertas.

Até que um dia, surgiu uma proposta que o deixou aturdido, temeroso e desejo a um tempo:

— E se tu te fundisses com um de nós?... Ficarias com as qualidades do carneiro e do lobo... um enriquecimento...

— Mas isso não é possível!

— Possível, é. E até muito fácil. Vem passar uma noite connosco e verás.

O carneiro, já habituado a iludir a vigilância do pastor e dos cães, não teve dificuldade em ir.

— Entramos nesta cova. Vamos dormir aqui e, de manhã, ter-se-á dado a fusão.

Dizendo isto, aproximou um frasco do nariz do carneiro, que, de seguida, adormeceu profundamente.

O lobo tirou-lhe carne e ossos, deixando apenas a pele, dentro da qual se meteu.

No dia seguinte, introduziu-se assim disfarçado entre as ovelhas, nas quais, pela calada da noite, foi fazendo baixas...

Esta, a fábula.

Aplicações práticas, em nossos dias, inúmeras... Mas restrinjam-nos ao caso da política e da religião, que tanto teimam em turvar. E que outros teimam em desarmar daquelas normas de defesa de que a experiência dos séculos as dotara.

Os leitores conhecem certamente como o marxismo, quer comunista, quer socialista, depois de ter atacado frontalmente a religião, «ópio do povo», começou a sua táctica de «mão estendida».

— «O que nós queremos é, como vós, o bem do povo, embora por outros caminhos. Unamo-nos e a nossa vitória será certa».

E houve tantos, há tantos, que caíram no logro.

Um dos mais ruidosos casos deste combate impossível entre Cristo e Marx, entre a Religião e o ateísmo, é o dos «cristãos pelo socialismo».

Como na fábula, do cristianismo fica apenas a pele, porque todo o organismo, toda a parte viva, é o sistema puro do marxismo.

Do vocabulário cristão ficam algumas palavras: Cristo, Evangelho, Redenção, fé, esperança, caridade...

Mas o conteúdo é todo marxista, materialista.

Segundo a fé cristã, Cristo veio ao mundo para nos resgatar do pecado, para nos restituir a amizade divina. Instituiu uma Igreja hierárquica, depositária infalível de uma doutrina que é preciso aceitar com fé divina e de uns preceitos morais que são para cumprir. O Reino de Deus prepara-se neste mundo, mas tem o seu completo desabrochar na eternidade.

Para os «cristãos pelo socialismo», Jesus de Nazaré é um revolucionário cuja única missão foi resgatar os pobres da opressão dos capitalistas. Não querem Igreja com autoridade, com dogmas. A fé, para eles, é, apenas, crer que, pela ditadura do proletariado, tem de destruir-se o mundo capitalista. A esperança não é em Deus e suas promessas, mas em Marx e na realização das suas quimeras. A caridade não é o Amor de Deus e do próximo por amor de Deus, mas a luta de classes, ódio a tudo o que é oposto ao triunfo do marxismo.

Mas, entretanto, vão-nos gritando que não há incompatibilidade entre Cristo e Marx, entre a Igreja e o Comunismo ou o Socialismo marxista.

E há cegos que acreditam.

E há «cães mudos», na expressão bíblica, que não afugentam os lobos...

J. C.

AMENDOEIRA — LOULÉ



AGRADECIMENTO

MARIA DA ENCARNACÃO

Sua família, a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Agência Cavaco — Loulé

**MOBÍLIA
VENDE-SE BARATA**

Vende-se, barata, uma mobília de sala, forrada, de damasco, estilo Império, patente no escritório do solitário João Irla, em Loulé.

O Povo não quer o fascismo, mas repudia quantos sejam pelo Gonçalvismo, Otelismo e Cunhalismo

Os factos do dia a dia comprovam sobejamente que o Povo não tendo saudades dos fascistas, está farto dos gonçalvistas, otelistas e cunhalistas, e de quantos alinharam nas suas manobras políticas, que mais visam conquistar as massas, para uma vez alçados no Poder as explorarem tanto ou mais que os fascistas, de que servirem com dedicação e isenção as causas que interessam ao bem da colectividade.

Os nossos governantes porém, por

dificuldades de toda a ordem, filhas, em grande parte, da anarquia que reinou no período gonçalvista, com regozijo de otelistas e cunhalistas, mesmo após o governo constitucional, têm-se revelado incapazes de fazer cessar de vez os abusos em que, especialmente os cunhalistas, têm sido fortuitos, ao ponto de se oporem a entregas legais de prédios rústicos ocupados abusivamente, e em muitos casos mais danificados que beneficiados, situados na zona do Alentejo que mais parece uma Colónia tomada de assalto pelos adeptos de Álvaro Cunhal que uma província de Portugal.

Os verdadeiros trabalhadores sentem que a política de Cunhal não é a melhor para garantir pão no campo da honra e liberdade, mas esses são, na maioria dos casos, alcunhados de fascistas, e é ver abandonadas terras que podendo produzir, andam no jogo de empurrar entre os pretensos e verdadeiros trabalhadores.

Quando tivermos a dita de situação que ponha cobro a abusos?

Joaquim Piscarreta

**Presença do desporto
no «Carnaval do Algarve»**

Durante os dias do Carnaval estão marcadas várias competições desportivas para o Algarve, constituindo assim mais um aliciente para uma deslocação à província do Sul. Numa organização da Federação Portuguesa de Futebol e da Associação de Futebol de Faro disputar-se-á, com jogos em Faro (dia 4 de Fevereiro) e em Portimão (dias 5 e 7) o Torneio Internacional de Futebol Juvenil, a que concorrerão várias seleções, entre as quais a de Portugal. Na manhã de 5 de Fevereiro a Avenida Costa Mealla, em Loulé, será cenário do «IV Grande Prémio do Carnaval», prova pedestre organizada pelo Louletano Desportos Clube.

A vela terá o já tradicional «Torneio do Carnaval», que será disputado de 4 a 6 de Fevereiro ao largo da Marina de Vilamoura.

A todas estas competições a Comissão Regional de Turismo do Algarve dá o seu apoio e colaboração.

**O Algarve na Bélgica
e no Luxemburgo**

A convite do operador Luxair e com a colaboração do Centro de Turismo de Portugal em Bruxelas e da Comissão Regional de Turismo do Algarve, deslocou-se à Bélgica e ao Luxemburgo, o Rancho Folclórico de Calvário, que ali permanecerá cerca de 2 semanas, com actuações diárias.

O referido grupo é acompanhado pelo funcionário João Lima, do Departamento de Relações Públicas da C. R. T. A.

**MODISTA
MARIA ODETE**

Confecções Parisienses em 48 horas. Vestidos, Max casacos e calças para senhora e criança aos preços de concorrência.

Av. José da Costa Mealla, 83 — LOULÉ.

**TOMO
DE TRESPASSE**

CAFÉ RESTAURANTE ATÉ 600 CONTOS OU

TABACARIA ATÉ 300 CONTOS. RESPOSTA DETA-

LHADA A JOAQUIM NEVES — 630 FIFTH AVE

SUITE 655 NEW YORK N. Y. 10020 U. S. A.

**NOVO COMANDANTE
DO CORPO DE BOMBEIROS
MUNICIPAIS DE FARO**

Foi investido recentemente, nas funções de Comandante do Corpo de Bombeiros Municipais de Faro, o tenente-coronel Bernardino Rodrigues dos Santos.

Cumpre-nos retribuir os préstimos de leal colaboração com que muito afavelmente nos quis distinguir.

Ao novo Comandante do prestante Corpo de Bombeiros Municipais de Faro, endereçamos entretanto as nossas felicitações pelo cargo assumido, desejando-lhe profícua actividade em prol da agremiação humanitária em que tão dignamente se integra.

**VIAGEM
ÀS CIVILIZAÇÕES
MILENÁRIAS**

10 — UMA NOITE EM ATENAS

Para preencher a noite tínhamos à escolha duas coisas: espectáculo de luz e som na Acrópole, ou uma subida ao Monte de S. Jorge, em plena cidade de Atenas.

Escolhemos este último. Tomámos um elevador, género dos da praia da Nazaré, no entanto mais rápido e subindo a uma altura mais elevada, e lá fomos, depois de termos pago um bilhete de 20 drakmas, mais ou menos 22\$00.

A vista que se observa em plena noite, sobre a cidade, com miríadas de luzes, compensa ter ido lá acima. Daqui podemos avaliar melhor este grande burgo que, contando com os arredores, chega a atingir os três milhões e quinhentas mil pessoas.

Por uma feliz casualidade, quando fomos de regresso ao hotel, passámos por um teatro grego, feito agora mas de estilo antigo, isto é, a ar livre e em anfiteatro. Estava a exibir-se uma grande orquestra acompanhada por um coro de 150 vozes, de homens, senhoras e crianças. O programa constava de música popular grega.

Não estivemos com cerimónias e entrâmos, mesmo sem bilhete, pois como o espectáculo já tinha começado, os dois porteiros estavam tão entusiasmados com ele, que nem davam pelas pessoas que chegavam atrasadas.

O entusiasmo era justificado. Os espectadores acompanhavam as árias tocadas com palmas, batidas no ritmo certo. O maestro, cuja figura nos pareceu conhecida, era o que mais se entusiasmava, cantando, dirigindo e balançando o corpo.

Foram momentos agradabilíssimos e para serem recordados com saudade.

Quando o concerto atingiu o fim, ninguém arredou pé. Aplausos e mais aplausos, sem se pensar em ter pressa de sair, ao contrário do que se vê em Portugal, seja no teatro, no cinema, no circo ou no futebol.

A força dos aplausos era tal que os três últimos números foram bisados e, caso interessante, os espectadores cantavam juntando-se ao coro.

Tivemos pena de não termos tido oportunidade de sabermos mais do que estávamos a ver, mas os nossos parceiros chegados a nós, por azar, só grego falavam. Ficou-nos a certeza que este povo adora a música.

Calculámos à volta de 5 000 as pessoas presentes, esgotando a lotação, chegando algumas centenas a estar de pé. O nosso cálculo é realista e não político, pois se fosse seguindo a tática dos nossos políticos (feitos à pressão e a mertelo) em vez das 5 mil pessoas, diríamos 500 mil!...

M. Vazão

PROPRIEDADE

VENDE-SE, de boa terra de semear composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Informa na R. Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 3 ou na R. do Matadouro, 4 em Loulé.

Teodoro Gonçalves Silva &

Filhos, Limitada

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

CERTIFICO que, de folhas setenta verso a setenta e seis, do livro de notas para escrituras diversas, número quatrocentos e três, se encontra a escritura do teor seguinte:

AUMENTO DE CAPITAL E REMODELAÇÃO TOTAL DO PACTO SOCIAL

No dia trinta de Dezembro de mil novecentos e setenta e sete, no Cartório Notarial de São Brás de Alportel, a meu cargo, perante mim, licenciada Soledade Maria Pontes de Sousa Inês, notária, compareceram com outorgantes:

PRIMEIRO — Teodoro Gonçalves Silva, casado com Maria do Nascimento Cavaco Silva, no regime da comunhão Geral, natural da freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé, onde tem residência habitual no sítio do Poço de Boliqueime; é portador do bilhete de identidade n.º 176940, emitido em 29-11-1968 vitaliciamente pelo Arquivo de Identificação de Lisboa;

Rogério Cavaco Silva, casado com Maria Vitória do Espírito Santo Aleluia Silva, no regime da comunhão geral, natural da dita freguesia de Boliqueime, e residente habitualmente em Faro, na Rua General Humberto Delgado, 43, 1.º andar, lado direito; é portador do bilhete de identidade n.º 1068142, emitido em 18-6-1975, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa;

SEGUNDO — Aníbal António Cavaco Silva, casado com Maria Alves da Silva Cavaco Silva, no regime da comunhão geral, natural da referida freguesia de Boliqueime, e residente habitualmente na Travessa do Possolo, 13-1.º andar, lado direito, em Lisboa; é portador do bilhete de identidade n.º 1146601, emitido em 23 de Julho de 1975, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa.

António Cavaco Silva, solteiro, maior, natural da sobredita freguesia de Boliqueime, e residente habitualmente em Beja,

na rua Tenente Valadim, 90; é portador do bilhete de identidade n.º 372500, emitido em 30-10-1975, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa;

e Maria do Rosário Cavaco Silva da Cruz, casada com António Oliveira Cruz, no regime da comunhão de adquiridos, natural da referida freguesia de Boliqueime e residente habitualmente na Rua Francisco de Holanda, 25-2.º andar, frente em Lisboa; é portadora do bilhete de identidade n.º 57668, emitido em 15-9-1977, pelo Centro de Identificação de Lisboa.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos seus referidos bilhetes de identidade. E por eles foi dito:

Que os dois primeiros outorgantes são os únicos e actuais sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «TEODORO GONÇALVES SILVA, LIMITADA», com sede no lugar de Poço Boliqueime, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé que entre si constituíram por escritura de dois de Abril de mil novecentos e setenta, lavrada no livro de notas para escrituras diversas número A cinquenta e oito, a folhas cinqüenta e nove verso, do Segundo Cartório da Secretaria Notarial de Faro, escritura de que arquivo fotocópia com o capital social integralmente realizado em dinheiro e entrando na Caixa Social de duzentos e cinqüenta mil escudos, dividido em duas quotas, uma de duzentos vinte e cinco mil escudos, subscrita pelo sócio Teodoro Gonçalves Silva, e outra de vinte cinco mil escudos, subscrita pelo sócio Rogério Cavaco Silva, totalmente liberadas.

Que pela presente escritura elevam o capital social para dois milhões de escudos, sendo a importância do aumento de um milhão setecentos e cinqüenta mil escudos, já integralmente realizada em dinheiro que já deu entrada na caixa social, subscrita pelos actuais sócios, os dois primeiros outorgantes e pelos segundos outorgantes que assim entram para a sociedade, como sócios, pela forma seguinte: O sócio Teo-

doro Gonçalves Silva com cento setenta e cinco mil escudos; O sócio Rogério Cavaco Silva com novecentos setenta e cinco mil escudos; e os três restantes, com duzentos mil escudos cada um.

Que por esta mesma escritura remodelam totalmente o pacto social da mesma sociedade que passará a regular-se nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — Um — A sociedade adopta a firma «TEODORO GONÇALVES SILVA & FILHOS, LIMITADA», tem a sua sede no Poço de Boliqueime, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado a partir de um de Janeiro de mil novecentos setenta e oito.

Dois — Por simples deliberação da assembleia geral poderá a sede social ser deslocada dentro da mesma localidade e sempre criadas filiais, em quaisquer outras localidades em que se achar conveniente, para o desenvolvimento do negócio.

SEGUNDO — O objecto da sociedade é a indústria e comercialização de rações para animais, frutos secos, adubos, cimento e sal, podendo vir a dedicar-se a qualquer outro ramo ou actividade que os sócios venham a deliberar.

TERCEIRO — O capital social é de dois milhões de escudos, integralmente subscrito e realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios, do seguinte modo:

Teodoro Gonçalves Silva, com uma quota de quatrocentos mil escudos; Rogério Cavaco Silva, com uma quota de um milhão de escudos; Aníbal António Cavaco Silva com uma quota de duzentos mil escudos; António Cavaco Silva, com uma quota de duzentos mil escudos; e Maria do Rosário Cavaco Silva da Cruz com uma quota de duzentos mil escudos.

QUARTO — Um — A cessão das quotas entre os sócios é livre.

Dois — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, expresso num mínimo de setenta e cinco por cento do capital social, a qual terá o direito de preferência em primeiro lugar, e cada um dos sócios em segundo lugar, na proporção das suas quotas.

Três — O sócio que pretenda ceder a sua quota a estranhos dará conhecimento do facto à sociedade, por carta registada, indicando o nome da pessoa a quem pretende ceder, o preço e condições, e esta deliberará de harmonia com o estabelecido no número anterior,

e a sua decisão será comunicada ao sócio cedente no prazo de trinta dias a contar da recepção daquela carta, o mesmo devendo fazer os restantes sócios. Se nem a sociedade, nem os sócios pretendem a quota cedenda, poderá o sócio cedê-la à pessoa indicada.

Quatro — O preço pelo qual a sociedade ou os sócios adquirirem a quota do outro sócio será sempre o que resultar do balanço elaborado para o efei-

to, se outro não for acordado entre os sócios.

QUINTO — Um — Se o desenvolvimento dos negócios sociais assim o exigir e houver deliberação, por unanimidade em assembleia geral, convocada para o efeito, poderão ser exigidas prestações suplementares de capital.

Dois — Qualquer sócio poderá fazer à sociedade os suprimentos de que a mesma carecer nas condições que forem fixadas em assembleia geral e não os poderão levantar, no todo ou em parte, sem que a sociedade possua disponibilidades suficientes que o permitam sem a prejudicar.

SEXTO — Um — A gerência da sociedade pertence aos sócios Teodoro Gonçalves Silva e Rogério Cavaco Silva, com dispensão de caução e com a retribuição que for fixada em assembleia geral.

Dois — Pode a sociedade conferir a estranhos poderes de gerência e pode também qualquer sócio gerente delegar noutro sócio ou num estranho os seus poderes de gerência e representação social, desde que obtenha o consentimento unânime dos outros sócios.

Três — Para obrigar a sociedade são necessárias duas assinaturas — as dos sócios gerentes ou dos seus procuradores — excepto nos casos de mero expediente em que é suficiente a assinatura de qualquer gerente ou seu procurador.

Quatro — A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

SÉTIMO — Um — A sociedade amortizará obrigatoriamente a quota do sócio que venha a ser objecto de penhora, arresto ou venda judicial.

Dois — O preço da amortização será igual ao valor da quota que resultar do balanço elaborado para o efeito e será pago em quatro prestações trimestrais a contar da data do evento.

OITAVO — Um — As assembleias gerais quando a lei não exija outras formalidades serão convocadas por meio de carta registada com aviso de recepção com a antecedência de quinze dias e com indicação precisa do assunto de que a assembleia terá de se ocupar.

Dois — As deliberações sobre mudança de sede, hipoteca ou penhora dos bens sociais, compra e venda de viaturas e imóveis, nomeação de gerentes e atribuição das suas remunerações e mudança do objecto social, carecem de uma maioria correspondente a, pelo menos, sessenta por cento do capital social.

NONO — Um — A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer sócio, continuando com os herdeiros do falecido ou representantes do interditado.

Dois — Enquanto a quota social se mantiver indivisa deverão os comproprietários nomear um só que a todos represente na sociedade.

DÉCIMO — Em caso de dissolução da sociedade qualquer sócio terá direito a adquirir, na partilha, o quinhão do outro, desde que, por licitação ofereça quantia superior.

DÉCIMO PRIMEIRO — Para todas as questões entre os sócios e a sociedade ou entre os sócios será competente o foro da comarca de Loulé com renúncia expressa a qualquer outro.

DÉCIMO SEGUNDO — Fica desde já autorizado o sócio gerente Rogério Cavaco Silva, a só por si outorgar quaisquer escrituras de arrendamento de bens imóveis para a sociedade ou tomar de trespasso quaisquer estabelecimentos comerciais destinados ao exercício do objecto social. Arquivo ainda:

a) Autorização do marido da segunda outorgante Maria do Rosário Cavaco Silva da Cruz, para esta outorgar a presente escritura;

b) Certidão comprobativa de não se encontrar registada na Conservatória competente firma igual e a única semelhante ser a da sociedade remodelada por esta escritura.

Foi feita aos outorgantes em voz alta e na presença simultânea deles a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo com a advertência especial da obrigação de requererem no prazo de três meses a contar de hoje, o registo desse acto.

(aa) Teodoro Gonçalves Silva
Rogério Cavaco Silva
Aníbal António Cavaco
Silva
António Cavaco Silva
Maria do Rosário Cavaco
Silva da Cruz

A notária,
Soledade Maria Pontes
de Sousa Inês

É certidão de teor integral que vai conforme ao original.

São Brás de Alportel e Cartório Notarial, aos dez de Janeiro de mil novecentos e setenta e oito.

A Ajudante do Cartório,
(assinatura ilegível)

COZINHEIRA Precisa-se

Para a Casa de Pasto «Nascer do Sol», Campina de Cima — LOULÉ. Informa no próprio local.

VENDE-SE

Ford Consul c/ motor Diesel. 250 contos. Informa Tel. 65457 — QUARTEIRA.

(4-2)

TERRENO VENDE-SE

Vende-se um terreno com 2800 m², com projecto aprovado e com luz próximo. Informa na Rua Infante D. Henrique, 37 — LOULÉ.

NOTÍCIAS DO AMEIXIAL

Faleceu nesta povoação, com a idade de 85 anos, em 11 do corrente, o sr. José Cavaco, proprietário e comerciante nesta localidade.

O saudoso extinto, era pessoa muito considerada por todos os que o conheciam devido às suas qualidades de honestidade e de trabalho, que sempre soube manter inalteráveis não obstante as muitas vicissitudes que inicialmente teve de enfrentar e vencer na árdua luta por melhores dias logo no alvorecer da sua mocidade, por grande parte do continente norte americano.

Natural da Cortelha, aqui se radicou há quase meio século, deixando a viúva a sr.ª D. Adelaide da Conceição Vargas, professora oficial, apresentada.

Era pai dos srs. José Vargas Cavaco, o merciante nesta localidade, casado com a sr.ª D. Almerinda da Conceição Horta, professora oficial; e do sr. António Vargas Cavaco, funcionário superior da Chase Manhattan Bank, dos Estados Unidos

TERRENO

Compra-se c/ 3 a 10 ha perto da costa, ou junto da estrada Faro-Portimão.

Escrever para A. J. Martins — R. Vasco da Gama, 88 — QUARTEIRA.

(2-1)

SENSAÇÃO EM LOULÉ

SALDOS

==== NA ====

TENTAÇÃO 2

AVENIDA 25 DE ABRIL

(FRENTE AO CORREIO)

Lençóis Banho turcos desde	65\$00	Camisolas de malha para criança — Eram 300\$00 — Agora 100\$00
Toalhas Rosto turco desde	27\$50	Toalhas de mesa redondas 1,20 — » 160\$00 — » 100\$00
Lençóis Banho para Bébé — Eram 175\$00 — Agora 75\$00		Toalhas de mesa redondas 1,30 — » 195\$00 — » 120\$00
Jogos Banho turcos (5 peças) ... — » 425\$00 — » 247\$50		Jogos de mesa estampados 1,50 × 1,50 c/ 6 guardanapos ... — » 400\$00 — » 245\$00
Jogos Banho turcos (5 peças) ... — » 465\$00 — » 260\$00		Jogos de mesa estampados 2,30 × 1,50 c/ 12 guardanapos ... — » 710\$00 — » 435\$00
Pijamas turcos para Homem e Senhora — » 350\$00 — » 200\$00		Peúgos turcos — 20\$00
Cobertores p/ cama de casal lisos — » 1 250\$00 — » 750\$00		Collants de malha para senhora — » 150\$00 — » 100\$00
Cobert. p/ cama casal estampados — » 2 150\$00 — » 1 350\$00		Collants de malha para homem — » 150\$00 — » 100\$00
Cobertores cama de casal — » 500\$00 — » 360\$00		Collants de malha para criança todos os tamanhos — » 140\$00 — » 85\$00
Cobertores cama de casal — » 350\$00 — » 195\$00		Camisas para homem, cambraia — » 450\$00 Agora 1 camisa 200\$00 — 2 camisas 350\$00
Robes criança SILMA — » 300\$00 — » 140\$00		Camisas para homem, flanela . — » 350\$00 — » 150\$00
Calça para homem fazenda ... — » 785\$00 — » 200\$00		Camiseiras para senhora, flanela — » 350\$00 — » 150\$00
Calças Ganga Real Indigo ... — » 950\$00 — » 300\$00		Camiseiras para senhora, malha de seda — » 375\$00 — » 200\$00
Calças para criança fazenda ... — » 550\$00 — » 150\$00		KISPOS desde — 275\$00
Camisolas homem e senhora pura lã virgem Woolmark — » 580\$00 — » 300\$00		Babygroows — » 300\$00 — » 125\$00
Camisolas Malha Homem e Se- nhora Pura Lã Virgem ... — » 550\$00 — » 250\$00		

«Considero o Dr. Ataíde (Oliveira) um trabalhador incansável e meritório em relação à história e folclore algarvios»

— Palavras do Prof. José António Pinheiro Rosa

É esta a terceira entrevista da série que este jornal encetou, dedicada ao vulto e obra do Dr. Ataíde Oliveira e que envolve entidades algarvias de reconhecida relevância intelectual.

Desta feita, em obediência à ordem de receção cronológica das respostas obtidas respigamos as declarações do Prof. JOSE ANTÓNIO PINHEIRO ROSA, que amavelmente se prontificou a corresponder ao questionário apresentado por este jornal.

Personalidade bastante conhecida nos meios algarvios, onde goza de merecido prestígio, o Prof. José António Pinheiro Rosa, que é natural de Faro, dirige com proficiência e brilhantismo a Biblioteca e os Museus de Faro.

Como insigne plumbívo e ilustre conferencista e etnólogo, tem vincado, de forma notória, uma laboriosa actividade erudita, digna do maior apreço.

O questionário que lhe foi presente consta das seguintes interrogações:

1. — Qual a sua opinião sobre a personalidade e a obra literária desse escritor?

2. — No seu entender, quais são as obras mais representativas do escritor?

3. — Acha que, dada a raridade das suas obras, seria aconselhável, em proveito da cultura portuguesa, a reedição das obras do Dr. Ataíde Oliveira?

4. — A providenciar-se essa edição, acharia vantajoso inserir-se, paralelamente, uma análise crítica?

As respostas obtidas, que nos fornecem múltiplas elucidações, ultrapassam em vários aspectos de extremo interesse, o alcance infundido ao questionário, o que valoriza, sobremaneira, a entrevista dada.

Aqui, transcrevemos as declarações prestadas:

1. — Não conheci pessoalmente o Dr. Francisco Ataíde, o Dr. Ataíde ou o Ataíde Oliveira, como tenho dito e ouvido dizer toda a minha vida.

2. — Considero o Dr. Ataíde um trabalhador incansável e meritório em relação à história e folclore algarvios.

Cabouqueiro, iniciador, colector de materiais. São estes os seus principais méritos. Confesso que não lhe reconheço preparação para a vasta obra que empreendeu e daí os inúmeros defeitos que ela encerra falta de ordem e método, repetições, contradições, deficiências de redacção, etc. Eis porque já escrevi uma vez que as monografias do Dr. Ataíde devem ser sempre lidas com o pé muito atrás...

3. — No meu entender, as obras mais representativas deste escritor, que, apesar do que digo no parágrafo anterior, merece todo o nosso respeito e gratidão e o busto que Loulé lhe ergueu num dos seus largos, não são a parte monográfica e histórica, mas sim a folclórica: os Contos, o Romanceiro. Aí ele foi formidável, pois arrancou ao legítimo povo algarvio a sua psicologia em toda a profundidade.

4. — A parte monográfica, biográfica e histórica do Dr. Ataíde não me parece que seja aconselhável reeditá-la. Só refundindo-a, porque muita coisa teria de ser corrigida e modificada. Quanto porém à sua obra folclórica, sou incondicionalmente partidário da reedição. Tenho na minha frente um dossier elaborado de 1967 a 1972, intitulado: «Reedição dos Contos Tradicionais do Algarve».

Inicia-o uma carta dum sr. C. A. da Silva, que a mandou também ao Secretário Geral do Ministério da Educação Nacional, à Secção de Letras da Academia das Ciências, à Biblioteca Nacional, a um vago «Re-

presentante da Família do Dr. Ataíde» e ao «Gerente da livraria Editora de Faro» (?). É de Agosto de 1967 e preconizava a reedição daquela obra. Perfilhei a ideia. A primeira coisa que fiz foi saber se existiam herdeiros do Dr. Ataíde, com quem houvesse de se tratar de direitos de autor. Auxiliou-me nisto o Sr. Prior Cabanita, que, através do inventário da irmã do escritor, Inês Xavier de Ataíde Oliveira, descobriu que foram herdeiros três sobrinhos: Dr. Álvaro de Ataíde Ramos de Oliveira, Dr. José de Ataíde Ramos e Oliveira e D. Adelina de Ataíde Sousa Dias. Mas este inventário era de 1941. Eu conhecia, nessa altura vivendo em Lisboa, o Dr. Álvaro José Leote de Ataíde e ainda cheguei a falar com a sua tia, D. Ana Leote Ortigão, viúva da Major Sebastião Ramalho Ortigão, para o sondar a tal respeito. A senhora, já muito idosa, prometeu-me, mas entretanto faleceu e não cheguei a saber.

Mas fui escrevendo ao sr. Dr. Álvaro de Ataíde Ramos de Oliveira, já com o consentimento da Junta Distrital de Faro, a que então presidia o sr. Raúl de Bivar, e da Câmara Municipal de Faro, ambas interessadas na reedição dos «Contos» pedindo-lhe que nos dissesse em que condições a família estaria disposta a ceder os direitos de autor que lhe pertencem por lei.

Interessante transcrever o que eu dizia sobre as monografias: «...embora sejam trabalhos de merecimento, quando mais não seja, por necessariamente terem de servir de base a todas as monografias que venham a publicar-se sobre as terras a que se refere, a sua reedição implicaria uma actualização e transformação tão grandes, que deixariam de ser a obra do Dr. Ataíde Oliveira para se tornarem desvirtuação do que ele criou e que, com todos os erros e deficiências, na época em que foi publicada, tem a sua grandeza intangível».

Nem do primeiro correspondente que me alertou recebi resposta (deixei um endereço errado, pois só quis «levantar a lebre»...) nem a recebi deste senhor.

A quarta peça do dossier, também deve interessar agora, pois continuo a perfilar os apontamentos que nela tomei, que reproduzo na sua simplicidade e alguns dos quais talvez sejam perfilados por si.

«Parece-me que se deverá fazer uma edição popular (embora se faça uma tiragem especial, em papel melhor, de uns 100 exemplares numerados). Seria engracado meter-lhe umas fotogravuras dos «contos ou lendas» que o Carlos Porfírio pintou para o Museu Etnográfico (talvez umas vinhetas dele, simples, pois a edição não deve ficar cara). Pôr subscrição? Ou edição paga pela Câmara e pela Junta depois de se assegurar de que «cadáver Câmara do Algarve compra uns tantos exemplares? (As Câmaras são 16?)

Necessário fazer um *revisão*, para actualização da ortografia, conveniente paragrafação e pontuação, limagem de algumas inconveniências sozes e até uma ou outra nota e comentários». Estes eram os meus apontamentos de 1967.

Mas verifiquei uma coisa alarmante: na Biblioteca existiam dois exemplares do 2.º volume, um deles com o autógrafo do autor, mas nenhum 1.º volume. Mandei para a imprensa algarvia um apelo para arranjar o 1.º volume. Até foi para a «Voz de Loulé» (Outubro de 1967). Nada consegui.

Outro senhor, Amílcar de Melo, este de Carcavelos, escreveu-me em 1971 sobre o mesmo assunto e voltou a ele em 1972. Mas as circunstâncias já não eram as mesmas para

mim e não pude ocupar-me mais do assunto. Vejo agora com imensa simpatia «A Voz de Loulé» lançar-se a um empreendimento que merece todo o louvor.

5. — A esta pergunta já respondi indirectamente no parágrafo precedente. Mas reforço a resposta, dizendo que incontestavelmente, a reedição deverá ser com análise crítica e talvez até por uma equipa. Não me ofereço para fazer parte dela, como em 1967 me propunha, porque as minhas condições neste momento já não são as mesmas. Arranjei gente mais nova, mas deixe que lhe faça uma proposta para a equipa: é a de uma pessoa, em que, naquela altura, também tinha pensado — o Dr. Joaquim Magalhães. Ele que me perdoe querer «metê-lo em mais uma». Mas... se não quiser ou não puder, tem bom remédio: mande-me passar e... não aceite!

AMENDOEIRAS EM FLOR Postal mitico algarvio

(continuação da pág. 1)

dão a saber como em tempos longínquos da moirama, foram introduzidas em terras de Al-Faghar.

Certamente, devo essa recordação ao ancestralismo saudoso dos meus pais, naturais de Loulé, que mantinham indeléveis as suas afinidades congenitamente algarvias.

I Encontro dos Escritores

Algarvios

Decorreu em ambiente de saudade confraternização e de muito interesse literário o I Encontro de Escritores Algarvios realizado em Lagos nos dias 21 e 22 de Janeiro, por iniciativa do Grupo de Estudos Algarvios.

No próximo número daremos pormenores do acontecimento.

Aos nossos assinantes

Estamos em fins de Janeiro de 1978 e apesar disso ainda por cobrar bastantes recibos do nosso jornal referente ao ano de 1977.

Em muitos casos por nossa culpa, devido à falta de vagar (o momento não é nada aconselhável para aumentar o quadro do pessoal) para pôr os recibos à cobrança.

Aliás este atraso deveu-se também um pouco à circunstância de termos atrasado a fixação dos novos preços de assinatura, os quais estiveram pendentes das indecisões do Governo em fixar os portes de correio.

Esta nota serve portanto para pedir aos nossos assinantes que não pagaram ainda a totalidade da assinatura de 1977 a fineza de procedermos à respectiva liquidação ou, pelo menos, não permitir a devolução do recibo quando for apresentado.

Resta acrescentar que, por enquanto, não temos qualquer intenção de aumentar os preços da assinatura em relação a 1977, e que são os seguintes:

6 meses	130\$00
12 meses	260\$00
6 meses (estrangeiro)	.	230\$00
12 meses (estrangeiro)	.	450\$00
6 meses (estr.) avião	.	320\$00
12 meses (estr.) avião	.	600\$00

**RESPONDA-ME
SR. MINISTRO CARDIA:
O ANO PROPEDÊUTICO
NÃO SERÁ
UMA TENTATIVA FRUSTRADA?**



por LUIS PEREIRA

Caros leitores.

Talvez o meu caso lhes sirva de reflexão. Em 1976, não pude completar o meu 2.º ano complementar dos liceus, antigo 7.º ano, por falta de professores em duas disciplinas, porventura as que escolhi mais tarde como nucleares para o meu exame de acesso ao Ensino Superior. Assim, fui obrigado a inscrever-me no Serviço Cívico Estudantil, que cumpriria matriculando-me nas duas disciplinas, Português e Francês, que me faltavam para acabar o curso liceal. A par disto, alunos que completaram o sétimo ano ingressaram na Universidade sem cumprir as exigências do serviço cívico. Devo-lhes dizer que fui um aluno regular e, já agora se me permitem, deixem que modestamente lhes diga as minhas classificações ao longo do último ano liceal: Português 15, Francês 15, Filosofia 14, História 14, Política 17 e Inglês 10. Logo pensando em seguir aquilo que mais gostava, tomei em consideração o meu valor a Português e a Francês ao longo de toda a minha carreira de estudante e matricolei-me no exame de acesso à Universidade. Para meu espanto, sem que os exames me tivessem corrido muito mal,

chumbei na disciplina que mais gosta e com uma nota que me deixou perplexo, mas que até à data ainda não teve direito a quaisquer explicações cerca dela. É verdade, caros leitores! Eis as minhas notas neste exame de seleção: Língua Portuguesa 12, Francês 11 e Português 5. Isto equivale dizer-vos que se não fosse tão optimista deixaria de escrever definitivamente para este jornal, envergonhado por escrever para quem facilmente sabe mais do que eu. Sim! Porque segundo a teoria socialista eu sou um «burro» a Português o que significa que já sei escrever o meu nome e preencher a folha do exercício escrito. Mas... as coisas não ficaram por aqui. Muitos estudantes foram vitimas da burocração existente, onde o emblema partidário ainda tem grande significado. Após ter escrito uma carta pessoal ao sr. ministro Sottomayor Cardia onde pedia justiça e revisão de provas, recebi a resposta vaga de que o assunto era da inteira competência dos responsáveis pelo Serviço Cívico. Fui a Lisboa e dirigi-me à Av. Elias Garcia onde fui recebido cordialmente por duas damas bastante educadas. Responderei-me que aguardasse decisão ministerial, pois iriam brevemente ser aprovados novos decretos que me abrangiam, tendo em conta as reivindicações dos estudantes e da comissão de pais. Aguardei calmamente. Entretanto passados alguns dias recebi em casa duas cartas precisamente iguais, onde se afirmava que eu não tinha direito a revisão de provas, pois já se decidira que os estudantes em geral não beneficiavam de quaisquer explicações desse género. Mas... eu também fui estudante até ao dia 25 de Abril. Eu também não estava de acordo com o ensino, anteriormente. E hoje? Desculpe sr. ministro, mas digo-lhe de caras que não sou obrigado a concordar consigo e os seus compatriotas socialistas. Tendo esse direito porque a democracia é assim mesmo. No entanto, continuo à espera de um dia poder saber quais as razões que me eliminaram no exame de aptidão. Nunca na minha carreira de estudante fui aluno negativo a Português. É a primeira nota negativa em tal disciplina e logo tão baixa que não me dá possibilidade de poder continuar os meus estudos com optimismo e confiança no futuro. Sim! Porque estou realmente insatisfeito, só que não vou desistir de lutar. Não estou derrotado, pois nunca confiei no Partido Socialista que timidamente nos tem mergulhado num beco sem saída, só porque persiste em continuar sozinho no Governo, abusando a fazer campanha eleitoral respondendo demagogicamente aos problemas do País. Hoje encontro-me matriculado no ano propedéutico. Sei que o sr. ministro não tem coragem

de apelar para a democracia é assim mesmo. No entanto, continuo à espera de um dia poder saber quais as razões que me eliminaram no exame de aptidão. Nunca na minha carreira de estudante fui aluno negativo a Português. É a primeira nota negativa em tal disciplina e logo tão baixa que não me dá possibilidade de poder continuar os meus estudos com optimismo e confiança no futuro. Sim! Porque estou realmente insatisfeito, só que não vou desistir de lutar. Não estou derrotado, pois nunca confiei no Partido Socialista que timidamente nos tem mergulhado num beco sem saída, só porque persiste em continuar sozinho no Governo, abusando a fazer campanha eleitoral respondendo demagogicamente aos problemas do País. Hoje encontro-me matriculado no ano propedéutico. Sei que o sr. ministro não tem coragem

(continua na pág. 4)

VISITA AO ALGARVE DO PRESIDENTE DA ALEMANHA FEDERAL

Em visita particular, a convite do sr. Dr. Albert Lhor esteve no Algarve o Sr. Presidente da República Federal da Alemanha, Mr. Walter Scheel.

Na residência do Sr. Lhor, onde lhe foi oferecido um cocktail, a Comissão Regional de Turismo do Algarve entregou-lhe um ramo de flores e várias ofertas do Algarve.

O ilustre Presidente, visitou Vilamoura, Marina e Vale de Lobos.

Em troca de impressões com o Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve o Sr. Walter Scheel mostrou-se bastante interessado pelo Algarve e maravilhado com o nosso sol e o ambiente que se vive nessa Região, tendo prometido que em breve tencionava passar algumas semanas de férias no Algarve.

No país das mais amplas...

«No nosso país os outros partidos também podem existir; mas temos um princípio fundamental que nos distingue do Ocidente, pois a única situação imaginável é a seguinte: um partido governa, enquanto os outros estão na prisão».

N. Boukhairine
(no «Pravda» de 13 de Novembro de 1927)